

AUTOIMAGEM EM MULHERES IDOSAS: um estudo a partir da renda

Fernanda Maria de Almeida Couto; Iaramy Gomes Teotônio; Vivian Maciel Cavalcanti Dantas;
Cristiane Galvão Ribeiro

Centro Universitário de João Pessoa – Unipê. psicologia@unipe.com.br

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é verificar a diferença do grau de satisfação da autoimagem corporal de mulheres idosas de diferentes níveis socioeconômicos. Compreende-se que o processo de envelhecimento é um fenômeno perfeitamente natural e universal, caracterizado por vários processos. No entanto, a aceitação do envelhecimento dá-se de maneira individual e subjetiva, onde para alguns é percebido como sinônimo de experiência, portanto, os traços físicos adquiridos com o tempo não são preocupantes, e para outros, as mudanças no corpo não são bem aceitas. Realizou-se uma pesquisa de campo, tipo descritiva e de natureza quantitativa, com delineamento correlacional na qual participaram 64 idosas com idades a partir dos 60 anos, sendo 26 escolhidas entre a população da terceira idade de uma faculdade particular de um bairro nobre de João e as outras 40 participantes do PAPI – Programa de Atenção à Pessoa Idosa. Os resultados apontaram que idosas de alta renda demonstraram mais insatisfação com sua autoimagem corporal, por isso já se submeteram a mais procedimentos estéticos, principalmente a plástica no abdômen e intervenções faciais. As de baixa renda apresentaram menos preocupação com relação ao seu peso corporal e mais aceitação em seus processos de envelhecimento. Em suma, observou-se que as idosas de alta renda, provavelmente por serem mais vulneráveis aos padrões de beleza exigidos pela sociedade, são mais insatisfeitas com sua autoimagem e, conseqüentemente, com seus processos de envelhecimento corporal, sendo este um fator importante para a manutenção da qualidade de vida na velhice.

Palavras Chave: Percepção, Mulheres, Autoimagem Corporal, Idosas.

ABSTRACT

The aim of this study is to assess the difference in the degree of satisfaction of body self-image of older women from different socioeconomic levels. It is understood that the aging process is a perfectly natural and universal phenomenon, characterized by several processes. However, acceptance of aging takes place in individual and subjective way, which for some is perceived as synonymous with experience, so the physical traits acquired over time are not worrisome, and for others, the changes in the body are not well accepted. We conducted a field survey, descriptive and quantitative, with correlational design in which participated 64 elderly aged from 60 years, with 26 chosen from the population of seniors in a particular college an upscale neighborhood of João Pessoa and the other 40 participants PAPI - the Program for Elderly. The results showed that high-income elderly showed more dissatisfaction with their body self-image, so have undergone the most cosmetic procedures, especially the plastic in the abdomen and facial interventions. Low-income showed less concern with relation to their body weight and more accepting in their aging process. In short, it was observed that the high-income elderly, probably because they are more vulnerable to the beauty standards of the society are more dissatisfied with their self-image and, consequently, his body aging processes, which is an important factor for maintenance of quality of life in the old age.

Keywords: Perception, Women, Self Concept Corporal, Senior.

INTRODUÇÃO

O ser humano começa a envelhecer desde o momento em que nasce. Em cada fase do seu desenvolvimento novas descobertas, novos desafios. Com o passar dos anos e o envolvimento cada vez maior com responsabilidades advindas das fases, nem sempre nota-se o processo de envelhecimento. Este processo é uma condição natural vivenciada por diferentes povos, raças, culturas e costumes.

Independente da maneira em que se dá essa percepção, observa-se que o número da população idosa no Brasil cresceu significativamente. Dados do Censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), divulgados em 2010 revelaram que a pirâmide etária brasileira sofreu considerável mudança se comparada a pesquisas anteriores das últimas décadas. Houve um crescimento da participação relativa da população com 65 anos ou mais, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010.

A percepção do processo de envelhecimento difere de pessoa para pessoa. A subjetividade de cada indivíduo torna esse fato mais, ou menos, desgastante. Não há, necessariamente, o sofrimento neste processo. No entanto, é notório que as mulheres buscam cada vez mais retardá-lo. Comumente a mídia dita o padrão de beleza e as mulheres jovens, magras e bonitas são sempre evidenciadas. Mas nem todas as mulheres dispõem de recursos financeiros para recorrer aos diversos tratamentos estéticos disponíveis no mercado. Este trabalho justifica-se pela necessidade de se compreender como as mulheres idosas encaram o processo de envelhecimento numa perspectiva socioeconômica. Como as idosas de diferentes níveis sociais vivenciam as mudanças e o desgaste do corpo. Se estes lhes trazem sofrimento ou aceitação natural. Para Moraes (2009) a maioria das pessoas, conserva os valores da juventude durante o passar dos anos e não consegue enxergar a beleza que a experiência acumulada através desta passagem. E, nessa mesma linha de raciocínio, Beauvoir (1990) sustenta que o envelhecimento assume uma dimensão existencial e que altera a relação do homem com o tempo, bem como com o que está ao seu redor, possuindo características biopsíquicas, além de socioculturais.

Diante do exposto este trabalho adotou a seguinte problemática: Qual é a diferença do grau de satisfação da autoimagem corporal de mulheres idosas de diferentes níveis socioeconômicos? Para Goldfarb (1998), as limitações do corpo e a consciência da temporalidade são problemas estruturais no processo de senescência. Segundo o Aurélio (1986, p. 1760), “velhice é o estado ou condição de velho”. Assim, a pessoa velha, na visão de Zimerman (2000), pode ser considerada como aquela que tem diversas idades: a do corpo, da sua história genética, da psicológica e da sua ligação com a sociedade.

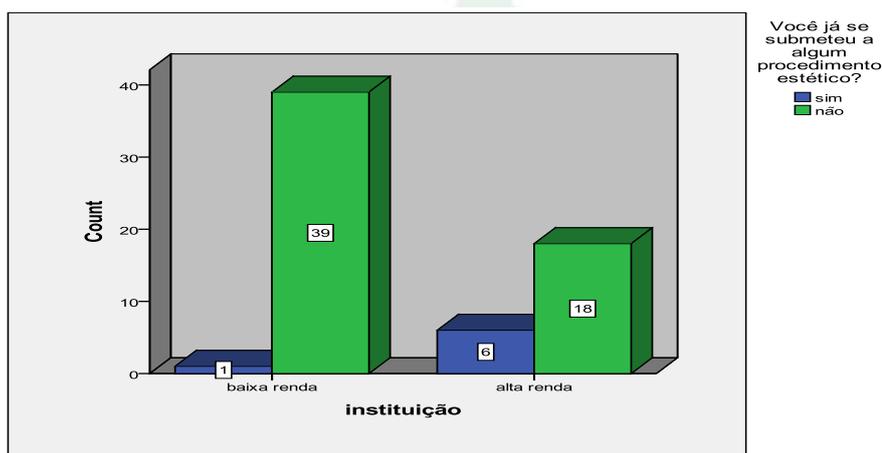
Vale salientar, que o ato de envelhecer, na perspectiva de Mailloux-Poirier (1995), é um fenômeno perfeitamente natural e universal, caracterizado por vários processos, sejam eles fisiológicos, psicológicos e sociais.

METODOLOGIA

Foi um estudo de campo, descritivo e de natureza quantitativa, com delineamento correlacional. A pesquisa foi realizada em dois locais: uma faculdade particular de um bairro nobre de João Pessoa, por existir ali um espaço específico para a terceira idade e em grupos de convivência do PAPI – Programa de Assistência a Pessoa Idosa da Prefeitura da Capital. A técnica para escolha da amostra foi a não probabilística por cota, onde participaram 64 idosas com mais de 60 anos, cuja consciência e capacidade cognitiva estivessem íntegras, sendo 24 da faculdade particular e 40 dos grupos de convivência do PAPI. Foi utilizado como instrumento um questionário elaborado pelos próprios pesquisadores contendo duas partes: Primeira parte com questões sócio demográficas (idade, estado civil, escolaridade, renda, ocupação); a segunda parte composta por questões baseadas nos objetivos da pesquisa, além de uma Escala de Avaliação da Satisfação com a Imagem Corporal (Ferreira & Leite, 2002) composta de 25 itens com afirmativas a respeito da aparência física, variando em escala de cinco pontos. Os dados coletados por meio de questionário sóciodemográfico e da escala de satisfação com a imagem corporal foram analisados através do pacote estatístico SPSS, em versão 19.0, utilizando-se da estatística descritiva e da estatística inferencial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor compreensão os dados, serão discutidos inicialmente os resultados obtidos através do questionário e posteriormente serão relatadas as diferenças mais significativas apontadas pela Escala de Autoimagem Corporal. Abaixo, o primeiro gráfico relacionado a submissão a procedimentos estéticos.

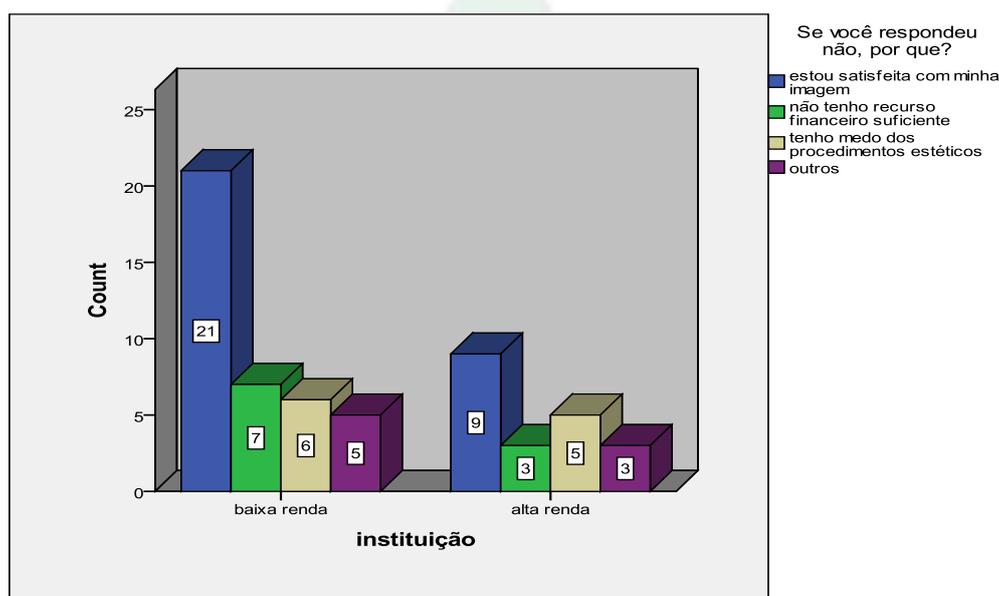


Das idosas de baixa renda, apenas 1 submeteu-se a um procedimento estético, enquanto que nas participantes de alta renda, este número sobe para 6, o que representa um percentual de 25%. Isso sugere que em se tendo possibilidades econômicas as mulheres realizam as intervenções com maior frequência. Das que recorreram aos procedimentos estéticos, a maioria submeteu-se a cirurgia plástica no abdômen, seguidos de intervenção facial e redução mamária.

Estes dados são de extrema relevância para a pesquisa, pois atestam as hipóteses levantadas pelo estudo, ou seja, o fator socioeconômico influencia na satisfação da imagem corporal e idosas com maior poder aquisitivo têm menos satisfação com sua imagem corporal, pois isto é representado pela maior busca de procedimentos estéticos. Segundo Barros (2006, p.14), “as diferenças geracionais de experiências de envelhecimento estão conectadas às referências de classe, de gênero e de cor. E desta forma a ideologia da terceira idade em sintonia com valores do individualismo pode sofrer também releituras, dependendo da situação social.”

A gerontóloga Anita Liberalesso Nero (2006) aponta ainda que “a velhice é um conceito historicamente construído que se integra ativamente à dinâmica das atitudes e dos valores culturais da sociedade, sendo a marca social da velhice estar em oposição à juventude.”

Quando questionadas a respeito dos motivos que pelos quais não se submeteram a procedimentos estéticos, encontrou-se diversas respostas, as quais foram categorizadas para uma melhor compreensão, conforme mostra o gráfico abaixo.



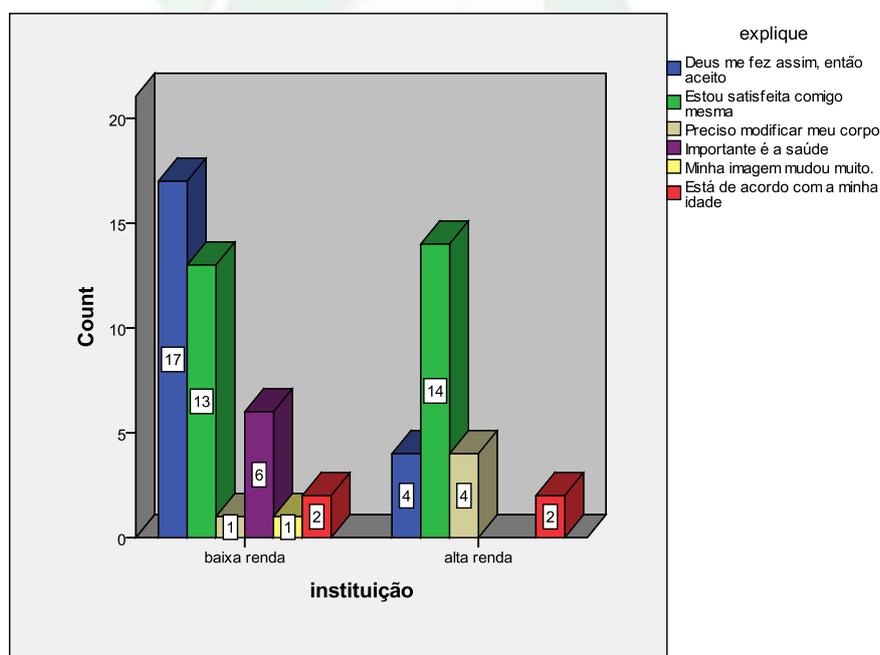
Com relação a amostra de baixa renda, 52,5% afirma não ter se submetido a procedimento estético por estar satisfeita com a autoimagem, 17,5% afirma não ter recursos financeiros suficientes, 15% alegou ter medo dos procedimentos e 12,5% outros motivos. Nas idosas de alta renda, apenas 9 afirmaram que não fizeram intervenções estéticas porque estão satisfeitas com a sua autoimagem, enquanto as demais alegaram falta de recursos, medo e ainda outros motivos.

Observamos que nas idosas de baixa renda há uma maior aceitação da própria imagem, não sendo a falta de recursos financeiros o motivo que pelo qual elas não se submeteram a procedimentos estéticos.

Este dado corrobora mais uma vez a hipótese de que o nível socioeconômico influencia na maneira como as idosas se vêem. Ou seja, não é apenas a questão do poder aquisitivo, mas as questões socioculturais, uma vez que não valorizam tanto esta autoimagem.

Para Marques (2009, *apud* GOLDENBERG, 2008) “na cultura brasileira, onde o corpo é visto como um capital, o envelhecimento pode ser um problema muito grande, o que explica os enormes sacrifícios que as mulheres maduras fazem para parecerem mais jovens seja por meio do corpo, da roupa ou do comportamento.”

Procuramos ainda saber os motivos pelos quais as participantes afirmaram estar satisfeitas com sua autoimagem. As respostas foram categorizadas para uma melhor análise dos resultados, conforme o gráfico abaixo.



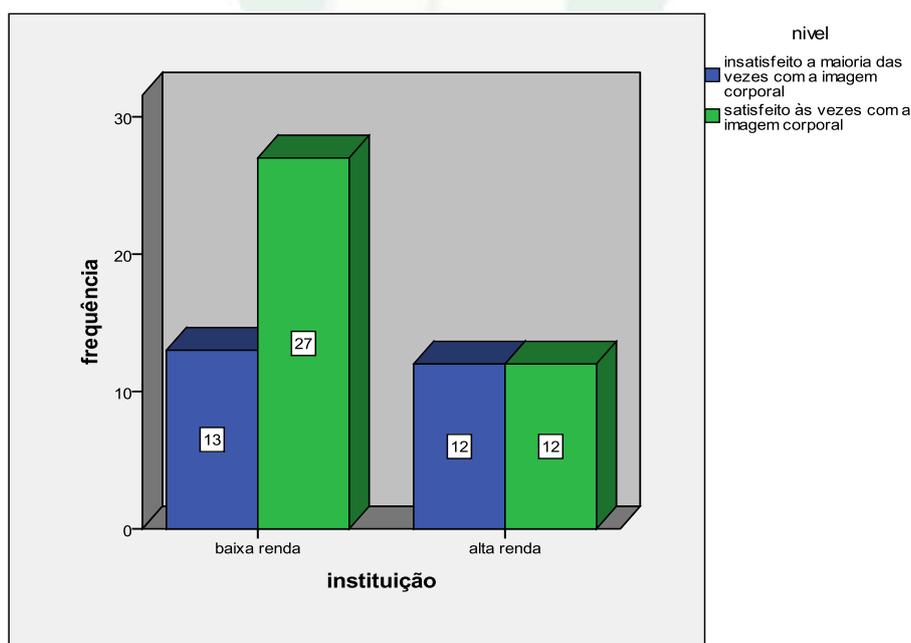
Nas idosas de baixa renda, a alegação de que “Deus me fez assim, então aceito”, obteve 42,5% das explicações e 32,5% “estou satisfeita consigo mesma”. Nas idosas de alta renda, 58,3% alegou estar satisfeita consigo mesma e as demais alegações variaram entre “preciso modificar meu corpo”, “Deus me fez assim, então aceito” e “Está de acordo com a minha idade.”

Alguns aspectos das respostas reveladas por este gráfico chamou a atenção. Primeiramente, a resignação das idosas de baixa renda ao atribuir a sua imagem a vontade de Deus, fato que demonstra a influência da religiosidade em suas vidas.

Para Neri (2002, p. 35) “transcender a experiência material e desenvolver a espiritualidade ajuda os idosos a encontrar um sentido de completude na vida e, assim aceitar a morte”.

Outro aspecto diz respeito ao fato de mais da metade das idosas de alta renda afirmar estar satisfeitas com sua autoimagem o que nos faz pensar que esta afirmação seja decorrente também das intervenções estéticas realizadas, uma vez que 25% delas já se submeteram a algum tipo de intervenção, conforme revelou a figura 2.

A seguir serão apresentados os itens da Escala de Satisfação com a Autoimagem Corporal que revelaram diferenças significativas entre as idosas de baixa e alta renda.



De acordo com a figura acima, 67% das idosas de baixa renda demonstraram satisfação com sua autoimagem, enquanto que nas idosas de alta renda o percentual apresentado foi de

50%. Estes dados revelam que há uma maior aceitação da sua autoimagem corporal por parte das idosas de baixa renda, fato também corroborado pela figura de número tal.

Em sua tese de mestrado, Marques (2009, p.15) traz uma importante consideração de Goldenberg (2008) “que a preocupação com a aparência e com a juventude pode ser considerada uma obsessão entre as mulheres brasileiras provocando uma permanente insatisfação com a imagem corporal e que os itens mais invejados entre estas mulheres estão a beleza, o corpo e a inteligência, nesta ordem.”

Outros dados significativos da Escala de Satisfação com a Autoimagem Corporal são apresentados abaixo.

		Média	DP	T	p
Acho que eu tenho um corpo bom	baixa renda	3,00	,453	2,47	0,01
	alta renda	2,71	,464		
Tenho orgulho do meu corpo	baixa renda	3,03	,530	2,82	0,001
	alta renda	2,63	,576		
Estou tentando mudar meu peso	baixa renda	2,17	,712	3,72	0,001
	alta renda	2,83	,637		
Estou satisfeito com meu peso	baixa renda	2,80	,608	2,44	0,01
	alta renda	2,38	,770		
Sinto que meu peso está na medida certa para minha altura	baixa renda	2,83	,594	2,99	0,001
	alta renda	2,33	,702		

No que diz respeito ao corpo de uma maneira geral, a média (3,0) das idosas de baixa renda que afirmaram ter um corpo bom é superior às de alta renda (média 2,71). No tocante a ter orgulho do próprio corpo, as idosas de baixa renda também apresentaram maior média (3,03) que as de alta renda (2,63).

A Escala ainda apresentou dados significativos relacionados a satisfação ou não com o peso. Na afirmativa referente a estar tentando modificar o peso, as idosas de baixa renda obtiveram média inferior (2,17) em relação às de alta renda (2,83), o que significa que as idosas

de alta renda não estão satisfeitas com o seu peso e por isso buscam mecanismos que promovam o emagrecimento.

A percepção de que há uma equidade entre peso e altura é um item que também mostrou diferença entre as classes sociais, onde as idosas de baixa percebem maior consonância entre estes dois aspectos (media de 2,83) do que as de alta renda (media de 2,33). Fato que também revela a insatisfação das idosas de alta renda com sua autoimagem corporal.

Marques (2009, p.14) também cita Goldenberg (2008) para ilustrar esta insatisfação com das mulheres brasileiras de maneira geral com os aspectos físicos do envelhecimento “o Brasil, é visto como sinal de falta de cuidado, de desleixo, o fato de deixar o corpo na sua aparência natural, principalmente se esse natural é um corpo gordo ou envelhecido. ”

CONCLUSÃO

Conclui-se a partir dos resultados obtidos que a condição financeira exerce grande influência na percepção das idosas acerca da sua autoimagem corporal. É sabido que a imagem tem importante relação com a autoestima, sendo assim, o fato das idosas de alta renda buscarem com maior frequência usar os recursos da medicina no tocante a estética, revela que as mesmas não aceitam naturalmente o seu processo de envelhecimento. Este fato também pode sofrer influência da mídia, que através das novelas, dos desfiles, da divulgação dos produtos relacionados a beleza propagam padrões esteticamente joviais. Por estarem na maioria das vezes inseridas em um contexto de constantes eventos, festas, viagens, ou seja, maior atividade social, estão mais expostas a estes tipos de conceitos.

Ao contrário das idosas de alta renda, as de baixa renda, são mais conformadas com a sua aparência. Talvez seja pelo fato de estarem menos expostas às influências sociais, e, principalmente, por atribuírem a sua aparência a vontade divina, ou seja, é algo que não deve ser modificado e sim aceito de maneira natural e irreversível. Essa resignação pode ser fruto além da religiosidade, também da baixa escolaridade, fato que pressupõe um nível mínimo de criticidade por parte das mesmas. Os resultados também revelaram que não é a falta de recurso financeiro o fator preponderante para que as mesmas não se submetam a procedimentos estéticos. Em suma, observou-se que as idosas de alta renda, provavelmente por serem mais

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

vulneráveis aos padrões de beleza exigidos pela sociedade, são mais insatisfeitas com sua autoimagem e conseqüentemente com seus processos de envelhecimento corporal, sendo este um fator importante para a manutenção da qualidade de vida na velhice.

REFERÊNCIAS

Barros MML. Trajetória dos Estudos de Velhice no Brasil. [acesso em 2013 jun 14]. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a06.pdf>

Beauvoir S. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

Berger L, Mailloux-Poirier D. Pessoas idosas: uma abordagem global. Processo de enfermagem por necessidades. Lisboa: Lusodidacta;1995.

Ferreira ABH. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.

Ferreira MC, Leite NGM. Adaptação e validação de um instrumento de avaliação da satisfação com a imagem corporal. Revista Avaliação Psicológica, Porto Alegre, v. 2, p. 141-149; 2002.

Goldfarb DC. Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1998.

Marques FDC. Vaidade Física e Consumo na Terceira Idade. [acesso em 2013 jun 13]. Disponível em:

http://www2.ibmecrj.br/sub/RJ/files/dissert_mestrado/ADM_fernandamarques_jun.pdf

Neri AL. Atitudes em relação à velhice: questões científicas e políticas. In: Viana de Freitas e et al. Tratado de geriatria e gerontologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.

Neri AL. Teorias Psicológicas do Envelhecimento. In: FREITAS et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan;2002.

Zimerman GI. Velhice. Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 2000.